

ANÁLISE DAS DESIGUALDADES EXISTENTES DO FUTEBOL DE CAMPO FEMININO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fabiana Gaspar Ferreira¹
João Pedro de Oliveira Brandão Lima²
Weronica Vitoria Passos Pereira³
Thiago Chaar⁴

Resumo:

O trabalho analisa as desigualdades entre o futebol masculino e feminino, destacando a falta de investimento, visibilidade e condições adequadas para as jogadoras. O caso do Corinthians na Libertadores Feminina exemplifica essas dificuldades estruturais e midiáticas. Entrevistas com atletas revelam desvalorização e escassez de apoio. Conclui-se que a equidade esportiva exige maior reconhecimento, investimento e respeito ao futebol feminino.

Palavras-chave: Desigualdade, Sport Club Corinthians Paulista e Futebol Feminino.

Abstract:

This study analyzes the inequalities between men's and women's football, highlighting the lack of investment, visibility, and adequate conditions for female players. The case of Corinthians in the Women's Libertadores Cup exemplifies these structural and media difficulties. Interviews with athletes reveal devaluation and a lack of support. It concludes that sporting equality requires greater recognition, investment, and respect for women's football.

Keywords: Inequality. Sport Club Corinthians Paulista. Women's Football.

Introdução

A disparidade entre o futebol feminino e masculino é uma realidade constante, evidenciada em várias facetas do esporte, desde a ausência de investimento até a presença nos meios de comunicação. Segundo Knijnik (2014), o futebol é um dos espaços onde as desigualdades de gênero se tornam mais visíveis, já que historicamente foi construído como um território masculino. O futebol feminino

¹ Aluno do curso Técnico em Organização Esportiva, na Etec de Esportes - Curt Walter Otto Baumgart

² Aluna do curso Técnico em Organização Esportiva, na Etec de Esportes - Curt Walter Otto Baumgart

³ Aluna do curso Técnico em Organização Esportiva, na Etec de Esportes - Curt Walter Otto Baumgart

⁴ Aluno do curso Técnico em Organização Esportiva, na Etec de Esportes - Curt Walter Otto Baumgart

continua lutando por reconhecimento, oportunidades de crescimento e condições de trabalho mais justas, enquanto o futebol masculino recebe a maior parte dos recursos financeiros, atenção da mídia e apoio institucional (Goellner, 2020).

Em um contexto em que o esporte feminino apresenta um crescimento considerável, com um maior número de praticantes e visibilidade global, a disparidade de tratamento se torna cada vez mais clara, impactando diretamente o desempenho das atletas e a viabilidade financeira dos clubes (Silva & Mourão, 2021). A recente participação do Corinthians na Libertadores Feminina exemplifica essa desigualdade. Embora tenha alcançado a vitória, a equipe enfrentou várias dificuldades que evidenciam a falta de apoio e a negligência em relação ao futebol feminino. Em um torneio de grande importância, a equipe teve que lidar com uma mudança de sede de última hora, ausência de divulgação, campos em estado precário e risco de lesões por falta de infraestrutura — problemas que, segundo Pires (2022), são reflexos da ausência de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da modalidade.

A restrição no número de atletas inscritas, o calendário apertado com jogos a cada três dias e a proibição de aquecimento no campo de jogo evidenciam a falta de consideração com as jogadoras, o clube e as seleções participantes. Outro indicativo da invisibilidade do futebol feminino é o estádio vazio, refletindo a ausência de público e, conseqüentemente, de apoio à modalidade. Conforme aponta Knijnik (2014), o apagamento do futebol feminino nas mídias e nos espaços de decisão reforça a ideia de que o futebol é, ainda, um privilégio dos homens.

Esse contexto mostra como o investimento e a visibilidade ainda são distribuídos de forma desigual, impedindo o pleno desenvolvimento do futebol feminino. O caso do Corinthians ilustra os desafios enfrentados por atletas, clubes e países que buscam mais respeito e melhores condições no esporte. Diante desses desafios, torna-se evidente a necessidade de ampliar os investimentos na mídia e na infraestrutura do futebol feminino, visando aumentar sua visibilidade, atrair patrocinadores e criar um ciclo sustentável de crescimento. Como defende Goellner (2020), promover a equidade no esporte é reconhecer que o futebol também é um espaço de afirmação das mulheres, que devem ter suas trajetórias valorizadas da mesma forma que os jogadores do futebol masculino.

Metodologia

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois busca compreender aprofundadamente as causas, percepções e experiências relacionadas às desigualdades salariais e estruturais enfrentadas no futebol de campo feminino do estado de São Paulo. Além disso, trata-se de um estudo de caso, por concentrar-se na análise detalhada de uma realidade específica, permitindo compreender as particularidades e os fatores que influenciam esse contexto. Para alcançar os objetivos propostos, o procedimento metodológico baseou-se, primeiramente, em um levantamento bibliográfico e documental para mapear o cenário de investimentos e visibilidade. Na sequência, utilizou-se o estudo de caso da equipe feminina do Corinthians na Libertadores para exemplificar as disparidades estruturais e midiáticas. Por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com atletas de clubes paulistas, focando na coleta de relatos sobre desvalorização e escassez de apoio, cujos dados foram analisados para compreender as percepções sobre a necessidade de equidade esportiva.

Resultados e Discussão

Os dados obtidos por meio da entrevista com a atleta do Centro Olímpico revelam que o futebol feminino permanece inserido em um cenário de profundas disparidades estruturais em comparação à modalidade masculina. Os relatos convergem para uma realidade onde a precariedade de investimentos e a desigualdade de oportunidades são agravadas por preconceitos enraizados, confirmando a persistência de um ambiente hostil ao desenvolvimento pleno das jogadoras.

A atleta descreveu experiências recorrentes de machismo e racismo, evidenciando que o campo esportivo ainda é um espaço de reprodução de violências sociais. Tais achados corroboram as teses de Goellner (2005) e Knijnik (2014), que discutem a persistência da exclusão histórica das mulheres no esporte, fruto de uma construção social que marginaliza a presença feminina em territórios tradicionalmente associados à masculinidade.

Além disso, observou-se que essa exclusão é perpetuada por lideranças técnicas. A menção a treinadores com posturas pautadas pelo preconceito e a

carência de uma estrutura de suporte adequada refletem uma gestão ainda despreparada para lidar com as especificidades da categoria. Conforme aponta Santos (2025), a ausência de um suporte profissional ou de um empresário que forneça visibilidade acaba por estagnar carreiras promissoras, criando barreiras de ascensão quase intransponíveis.

No que tange aos aspectos econômicos, a análise aponta que a lacuna salarial e a escassez de patrocínios são os principais entraves ao crescimento profissional. A falta de agentes e o baixo investimento publicitário limitam a projeção das jogadoras no mercado, corroborando as discussões de Silva (2020) e Cavalcanti (2019) sobre o ciclo vicioso de baixa visibilidade e baixo financiamento que perpetua a desigualdade.

Por fim, a pesquisa identificou que o contexto de desvalorização impacta diretamente a saúde mental das jogadoras. A constante luta por reconhecimento e a falta de garantias financeiras geram um desgaste que reduz a motivação e, consequentemente, o rendimento em campo. Esse fenômeno é analisado por Rubio (2002), que destaca como o ambiente psicológico é determinante para a performance de alto rendimento; sem o amparo necessário, a atleta é sobrecarregada por incertezas que transcendem as quatro linhas.

A análise do caso específico do Corinthians na Libertadores Feminina serviu como um microcosmo das disparidades midiáticas e estruturais mencionadas pelos autores. Apesar do sucesso esportivo, a equipe enfrentou desafios logísticos e de infraestrutura que não se equiparam aos vivenciados pela equipe masculina em competições continentais de igual relevância. Essa discrepância evidencia que, mesmo em clubes com maior estrutura, o futebol feminino ainda é tratado como uma categoria secundária, com investimentos que não acompanham o retorno técnico e a paixão da torcida, perpetuando o ciclo de subvalorização.

Complementarmente, os relatos da atleta sobre a falta de agentes e patrocinadores encontram eco na literatura que aborda a "invisibilidade midiática" do esporte feminino. A cobertura jornalística reduzida limita o alcance das marcas patrocinadoras, o que resulta em menores receitas para os clubes e, consequentemente, salários inferiores para as atletas. Santos (2025) reforça que essa dinâmica cria uma barreira de entrada no mercado publicitário, onde a falta de exposição televisiva impede a construção de ídolos e o engajamento de grandes patrocinadores, essenciais para a profissionalização sustentável da modalidade.

Diante do exposto, os resultados indicam que a superação dessas barreiras exige uma abordagem sistêmica, envolvendo clubes, federações e a mídia. Não se trata apenas de aumentar o aporte financeiro, mas de reestruturar a governança do futebol feminino, garantindo igualdade de condições de trabalho e políticas ativas de combate ao preconceito. A equidade esportiva só será alcançada quando o investimento for encarado não como um custo ou uma obrigação social, mas como um ativo estratégico capaz de gerar valor e respeito à trajetória das atletas.

Considerações finais

A pesquisa evidenciou que a desigualdade entre o futebol feminino e o masculino ainda é uma realidade marcante, mesmo em clubes de grande expressão como o Sport Clube Corinthians Paulista. As diferenças vão muito além do aspecto financeiro, envolvendo também a falta de visibilidade midiática, o escasso investimento estrutural e o menor reconhecimento das atletas.

Verificou-se que a maior exposição do futebol feminino nas plataformas de mídia poderia ser um caminho eficaz para ampliar sua visibilidade e atrair novos investimentos. Isso criaria um ciclo positivo, em que o aumento da visibilidade geraria mais recursos, possibilitando melhorias salariais, estruturais e de reconhecimento profissional.

Portanto, conclui-se que a igualdade de gênero no futebol não depende apenas do talento das atletas, mas também de políticas de incentivo, valorização e divulgação adequadas. Investir no futebol feminino é investir no futuro do esporte, na inclusão e na representatividade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa dentro e fora dos campos.

Referências

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Movimento, v. 26, n. 1, p. 1–15, 2020.

KNIJNIK, Jorge. **O esporte como campo de luta simbólica: a mulher e o futebol no Brasil**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 2, p. 329–340, 2014.

PIRES, Thaís. **Desigualdade de gênero no futebol: um olhar sobre o futebol feminino brasileiro**. Revista Intercontinental de Gestão Desportiva, v. 12, n. 3, p. 45–59, 2022.

SILVA, Ana Paula; MOURÃO, Ludmila. **Futebol feminino no Brasil: desafios, conquistas e perspectivas**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 43, p. e008321, 2021.